

## Apresentação

Entre umbrais e beirais – dois termos abrigados sob a rubrica arquitetônica – se esteia o presente número da Revista Anuário de Literatura. Conforme o sentido dicionarizado dos vocábulos, umbral se refere à soleira da porta, lugar de entrada para algum interior; limiar. Já a palavra beiral sugere o que se coloca além, a parte da extremidade do telhado que se projeta para fora de uma casa.

Num viés metonímico, evocamos com a palavra “umbral” os ensaios que nos convidam a penetrar no multiforme reino da Literatura. Caso do ensaio *ÁGUA VIVA: ORIENTA(LIZA)ÇÃO MODERNISTA*, de **Larissa Costa da Mata**. Visto à luz do hibridismo pós-moderno, no estudo de *Água viva* (1973) da escritora Clarice Lispector, destacam-se traços taoístas e da caligrafia chinesa e se infere uma mudança no modo ocidental de analisar a arte, ressaltando o confronto, a força, ao invés da forma. A autora argumenta que dita “herança oriental” se faz presente tanto na artista brasileira Maria Martins (1894-1973), autora de *Ásia Maior: o planeta China*, como em *Conjunciones e disjunciones*, do escritor mexicano Octavio Paz (1914-1998), obras centrais nas considerações acerca da presença do Oriente em *Água viva*. O interesse por essa temática também se pode constatar no ensaio intitulado *DO ORIENTE AO OCIDENTE: “ACULTURAÇÃO” DO ESPAÇO SÓCIO-CULTURAL BRASILEIRO EM GILBERTO FREYRE*, de **Jóe José Dias**, no qual se discute em que medida o Oriente deixa de ser uma terra exótica, rica e encantadora para se tornar sinônimo de atraso e inanição. O autor retoma o conflito entre Ocidente e Oriente para transportá-lo à esfera literária a fim de comprovar que a figura do caipira lobatiano foi ocidentalizada, mesmo com as mudanças de foco que fizeram com que o Jeca passasse de um preguiçoso para vítima do sistema capitalista.

Ainda sob os umbrais do literário, situamos *DE PESTE E LITERATURA: IMAGENS DO DECAMERON DE GIOVANNI BOCCACCIO*, de **Karine Simoni**. Trata-se de um ensaio que elege a Europa de meados do século XIV como espaço temporal privilegiado, época em que grassou uma das maiores tragédias já vividas pela humanidade, a saber, a chamada Peste Negra. Este ensaio centra o investimento discursivo no estudo das relações entre a pandemia e obra *Decameron*, de Boccaccio. Num viés comparatista, o ensaio intitulado *OS MARCOS SÃO: O CONTO, A REZA E O EVANGELHO*, de **Verônica Ribas Cúrcio**, procura tecer um diálogo de aproximações e distanciamentos entre o conto São Marcos de João Guimarães Rosa e o Evangelho de São Marcos, a propósito de temas relacionados à fé e à religiosidade. Enquanto que em *LITERATURA E TRANSGRESSÃO: SADE, MASOCH E BATAILLE*, de **Renata Lopes Pedro**, prefere-se analisar três escritores considerados “libertinos”: Sade, Masoch e Bataille. O ensaio trata dos romances eróticos de Sade e articula essa leitura à tematização das sevícias sexuais conforme Leopold de Sacher-Masoch, para finalizar com um estudo sobre o erotismo em Bataille, destacando os seus riscos de fascinação e humilhação.

A propósito do ensaio intitulado *A CASA (ENTRE) ABERTA*, de **Ana Lice Bueno**, esmera-se na percepção das representações possíveis da obra de Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos* e em *Crônica da Casa Assassina*, de Lúcio Cardoso. A autora investiga o modo pelo qual ambas as obras se aproximam pela abordagem da decadência do sistema patriarcal e da conseqüente ascensão do urbano, datados do início do século XIX. Ao final desse conjunto de ensaios reunidos sobre o signo dos umbrais literários, situa-se o texto intitulado *O POEMA COMO EXÍLIO*, de **Ana Carolina Cernichiaro**. Num entrelugar de dissonâncias, de ruptura, enfim, de combate com a língua dentro da própria língua, lê-se *O Guesa*, de Joaquim de Sousa Andrade, como uma espécie de poema exílio. Noutras palavras, como um deserto onde o poeta é um eterno errante, um estrangeiro em sua própria língua, onde a representação não é mais possível e o que resta é a fragmentação multidimensional tecida de urros, balbucios, cacofonias, gritos e inversões. Justificar a travessia dos umbrais aos beirais, implica solicitar a imagem da margem, aqui lida menos como o que limita, mas como o que permite um transbordar para além dos (supostos) limiares do literário. É o caso de *CINTILAÇÕES DO NEUTRO NAS IMAGENS DE MÃE E FILHO*, de **Rosana C. Silveira**, que articula um diálogo entre cinema e teoria literária. O ensaio se debruça sobre o filme *Mãe e Filho* (1997), de Aleksandr Sokurov. A leitura do filme se dá a partir do conceito barthesiano de Neutro em diálogo com outros conceitos, como imagem-afecção em Deleuze e interface em Rancière. E o mesmo se pode dizer do texto intitulado *IMAGEM E INTERDISCURSIVIDADE: UMA LEITURA ANALÓGICA SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA E MATERNA NO CINEMA DE ROGER MICHELL E PEDRO ALMODÓVAR*, de **Sumaya Machado Lima**. É mediante uma leitura semiótica das imagens e do (inter)intradiscurso das protagonistas, que se examina a construção de

convenções sociais do sujeito feminino e se identifica estereótipos e não-estereótipos da maternidade na cultura contemporânea.

Por fim, sob os beirais do literário repousa o ensaio DEIXE-O CANTAR, de **Tiago Hermano Breunig**, que, ao fazer uma arqueologia da MPB, não só investiga de que plural é feita, mas também discorre sobre aspectos constitutivos da cultura brasileira e da identidade nacional, e o texto intitulado DE EXÍLIO, SAUDADES E AFAGOS, de **Jurema Chagas**, que propõe uma reflexão sobre as narrativas encontradas em dois blogs escritos por mulheres brasileiras que deixaram o Brasil para morar em outros países com seus respectivos companheiros ou maridos estrangeiros. A autora analisa tais escrituras baseando-se em narrativas encontradas em *posts* e comentários, a partir de noções de pátria, exílio e diáspora, palavras-chave colhidas em Said, Hall e Shohat.

Em suma, são as multiplicidades de abordagem sobre o controverso campo literário, enriquecido pelos deslocamentos às narrativas outras que agora se apresentam ao leitor, qual vitrine-mosaico das seduções e inquietudes dos alunos da Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Resta agradecer à Coordenadora da Pós-Graduação em Literatura, a Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos, à diretora do Centro de Comunicação e Expressão, Viviane Heberle e à vice-diretora Lúcia Olímpio, aos integrantes do Conselho Consultivo dessa revista, ao artista plástico Rodrigo de Haro e a todas as pessoas que tornaram possível a gestação deste número 12 do Anuário de Literatura, agora em versão eletrônica, afinal Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser, muda-se a confiança; todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades...